

Filipe Homem Fonseca

Há Sempre Tempo Para Mais Nada



QUETZAL língua comum

Primeira Parte

A Fuga

## Capítulo Um



A MORTE É UM PORMENOR, há desgraças mais urgentes. A fome, o desemprego, os impostos. A humidade no tecto da casa de banho, a culpa, o frio. Roupas tuas fechadas em caixas de cartão, abro-as e o teu cheiro já se perdeu. Cosméticos no lixo, livros deixados em bancos de jardim. Os médicos a que nunca fui diriam que é um passo importante, só não sei em direcção a quê.

Vai começar a cair não tarda, chuva de Inverno na Primavera, será castigo? Não estou a fazer nada de mal. O mundo anda faminto de qualquer coisa que não sabe o que é e ninguém tem tanta fome quanto eu. Acharias isto insultuoso, falarias de estômagos vazios, das urgências dos hospitais cheios de crianças subnutridas, das grávidas com fome, de gente que morre à espera.

— Lisboa está nesta dança, a da miséria.

Morrem as palmeiras e o choupo-híbrido da Quinta dos Lilazes, crescem estes contentores para doação de vestuário, todos temos mortos, roupa que deixou de servir. Há que reciclar também o calor, alguma dignidade.

Cada peça que deito faz o som de vidro a estilhaçar-se.

— Isso é de alguém que morreu?

Não me viro para ver quem fala.

— É.

— Logo vi.

Se reparou nas duas alianças que uso, o resto não foi matemática difícil. Diz que não, o palpite surgiu-lhe dos meus gestos,

— Pela maneira como põe as roupas no contentor. Deita flores sobre um caixão.

Gostavas muito desta camisola. Tu de pé, braços estendidos, praia e sol e areia ao fim do dia, já soprava um vento que nos mandava para casa, abraço do meu tronco ainda desnudo a sentir o sal na tua pele através da malha, moléculas entreolharam-se por detrás das grades.

— Há quanto tempo?

— Ontem. Há nove meses. Hoje.

Houvesse ao menos uma regra universal, nem que fosse um universal de bairro, um tempo definido para fazer o luto, marcado no calendário. Um consenso sem folga para a subjectividade moral das conversas da vizinhança. Um mínimo, que seria o quê?, quantos meses?, quantos anos? Não se distingue a dor que temos da que se espera que tenhamos,

a viuvez alegre parece mal e até nem fica muita razão para sorrisos quando se nos parte mais de metade.

O fim do luto devia ser um detalhe circadiano, uma sincronia biológica com a passagem das estações.

Quer queira, quer não queiram por mim, um dia acordei e foram-se as fotografias todas, não sei se é assim que se faz, mas comigo é oito ou oitenta. Para deixar-te ir

(de vez)

tive de deitar tudo fora, de ti só ficarão as imagens que guardo na cabeça, bagagem que deixaste para trás,

— Morre-se de mãos a abanar, não se leva nada.

quem cá fica que se amanha.

— Foi de repente?

A perda é tema de conversa, como a meteorologia, as decisões do governo e das instituições bancárias.

— Começou devagar. E depois foi de repente.

Partiste e mudei-me para aqui, bairro de todas as lágrimas, nunca as irá chorar todas. Tudo o que aqui se pede, em cada conversa de esquina, é que alguém tenha um desgosto tão grande que faça o nosso parecer pequeno em comparação. É diferente de querer mal a alguém. Exige uma prática diária, constante, corrosiva. Fé em que haja sempre um fim pior do que o nosso.

Com o mal dos outros posso eu bem,  
(já não tenho por quem fazer boa figura)

deixa-me à vontade até para ajudá-los. Que isto de sermos ajudados por pessoas que gostam de nós é quase impossível. Dizem-nos as palavras certas na altura certa e pensamos que as dizem só por saber que é aquilo que queremos ouvir. A confiança quebra-se na intimidade, nunca sabemos se os outros estão a ser sinceros ou só eficazes. Dói-me muito que essa distinção importe. Mas importa.

Apaguei toda a gente, nunca mais liguei o telemóvel, foi-se a lista de contactos, a numerologia dos conhecidos, o esoterismo das relações. Agora é tudo distância e ausência e instinto.

Aqui jaz o teu guarda-roupa, não sobrará nem um casquinho para pôr pelas costas,

— O povo aguenta, eu é que não sei se consigo.

disseste uma vez.

— Posso ficar com essa blusa?

Riscas laranjas, a condizer com o verniz das tuas unhas,  
sobre um fundo azul-escuro, profundo, aquático,  
(os teus olhos)  
estavas assim vestida quando te pedi em casamento.

— Sim.

(na saúde e na doença e na doença e na doença e na morte e depois)

Dou a blusa à mulher que me estende a mão, ela não agradece, temos de ser uns para os outros e eu só me quero livrar desta certeza de que não vou voltar a ver-te, um desespero cansado.

Foi breve, dois mil quinhentos e sessenta e um dias à procura de um sítio onde o nosso bem-estar não destoasse, não é só a miséria que gosta de companhia. Querias exibir-nos perante iguais, fugir às invejas.

O Relatório de Felicidade Mundial das Nações Unidas elege a Dinamarca como número um. O Legatum Prosperity Index fala na Noruega, nunca lá fomos. O HPI, Happy People Index, aponta o dedo à Costa Rica, dito assim parece uma acusação, vocês são felizes, tão felizes que vocês são, (foi castigo?)

isto não pode ficar assim.

Contabiliza-se a felicidade, novas fés científicas que exigem consulta diária, fazem-se listas dos países onde é mais abundante, é um produto anunciado nas redes sociais, cálculo estatístico, medição rigorosa do imensurável, qual é o peso de uma gargalhada?, quantos anos demora a esfriar a alegria de ter um filho?,

(não fomos a tempo)

até quando é que dura o sempre do foram felizes até certa altura? Consta que os sorrisos no mundo estão a aumentar, mas duvidarias que assim fosse, é mais um truque,

— Tentam baixar-nos as expectativas.

Começa a chover. Quero que chegue o Verão para que me possa queixar dele.

— Isto é seu. Estava dentro do bolsinho da blusa.

Um envelope. Deixaste-me uma carta.

A mulher afasta-se, nem o rosto lhe vi e a voz podia ser tua.



Grito.

— Obrigado.

— Não tem nada que agradecer.

— Por ter voltado atrás.

— Temos de ser uns para os outros.

Regresso a casa de caixas vazias e uma possibilidade de ti, o gato de Schrödinger dentro de um envelope que não abro. Tens novidades para dar-me, simultaneamente viva e morta dentro das palavras.